A decorative black floral border with intricate scrollwork and leaf patterns frames the entire page. The border is composed of repeating motifs of leaves and scrolls, creating a classic and elegant frame.

Fátima Christina Calicchio
Janyne Saraiva Tagua
organizadoras

Nossas poesias na EaD

Letras
UniCV

FÁTIMA CHRISTINA CALICCHIO
JANYNE SARAIVA TAGUA
ORGANIZADORAS

NOSSAS POESIAS NA EAD

LETRAS
UNICV

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

CENTRO UNIVERSITÁRIO CIDADE VERDE. Educação a Distância:

C397n Nossas poesias na EaD [recurso eletrônico]. Fátima Christina Calicchio; Janyne Saraiva Tagua (Organizadoras) - Maringá – PR : UniCV, 2023.

46 p.

ISBN: 978-85-68323-29-8

1. Poesia - Coletânea. 2. Texto poético. 3. Literatura. 6. Letras - EaD. I. Calicchio, Fátima Christina. II. Tagua, Janyne Saraiva. III Título.

CDU: 821.134.3(81)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Unicv – Maringá-PR

Bibliotecária: Mara Regina Colafatti CRB-9 1272

Institucional

Reitor

Professor José Carlos Barbieri

Vice-Reitor

Professor Hamilton Luiz Favero

Diretora de Ensino e Extensão

Professora Luzia Mitsue Yamashita Deliberador

Diretor Acadêmico

Professor Aleksandro Cordeiro Alves da Silva

Diretor de Registro Acadêmico e Regulação

Professor Lincoln Villas Boas Macena

Diretor de Operações EAD e Tecnologias

Professor Cleber José Semensati Santos

Diretor Comercial

Professor José Plínio Vicentini

Diretora de Pós-Graduação e Pesquisa

Professora Marcela Bortotti Favero

Diretora executiva

Dayane de Almeida

Coordenadora de cursos

Professora Fátima Christina Calicchio

Corpo pedagógico

Prof^a Ana Laura Perenha dos Santos, Prof^a Ana Roberta Marcone de Araújo, Prof^a Claudinette Gabarron Ricci, Prof^a Danielle Cristina Pereira Penha, Prof^a Elaine Rodrigues, Prof^a Fátima Christina Calicchio, Prof^a Janyne Saraiva Tagua, Prof^o John José Ramiro, Prof^a Talissa Ao Arte

Corpo técnico

Diagramação e ilustração: Fátima Christina Calicchio

Revisão gramatical: Fátima Christina Calicchio e John José Ramiro

Agradecimentos



Aos professores que gentilmente colaboraram na interpretação das poesias, à professora Elaine Rodrigues pela elaboração do Prefácio, ao Diretor por acreditar neste projeto, ao Reitor pela oportunidade deste espaço, ao professor Diego Luís Fascina Muller pela aula sobre os Aspectos do texto poético, à professora Janyne Saraiva Tagua pelas videoaulas sobre poesia, à professor Danielle Cristina Pereira Penha pela aula sobre A poesia em Fernando Pessoa e, de forma especial, um agradecimento aos poetas e poetisas que nos confiaram a suas poesias para a constituição e publicação desta obra.

Nota das organizadoras



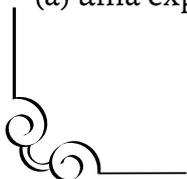
O livro, *Nossas poesias na EaD*, originou-se no I Concurso de Poesias dos estudantes dos cursos de Letras-Língua portuguesa e Libras, Letras-Português e Inglês e Letras-Português e Espanhol do Centro Universitário Cidade Verde - UniCV.

Dessa forma, esse material reúne as melhores poesias dos alunos de Letras e outros cursos de graduação UniCV, selecionados por nós e autorizados pelos respectivos autores e autoras mediante a inscrição no concurso. Ressaltamos que as poesias passaram por uma banca de jurados os quais possuem notório saber linguístico e literário e, esta publicação, de agora, reflete um pouco do trabalho, realizado por várias mãos, que teve início no segundo semestre de 2022 nos cursos de Letras.

Assim, sem dúvida, este Livro trata-se de uma excelente forma de se introduzir no lirismo dos poetas e poetisas que redesenham os limites da linguagem e dos sentidos, ao “brincarem” com as palavras, a tal ponto de fazerem os (as) leitores (as) entrarem em estado de contemplação pela linguagem simples, todavia; envolvente... Com versos que retratam temáticas que delas emergem questões sociais, mas, também, temáticas transbordantes de sentimentos e musicalidade; juntas, formando uma obra coesa.

Ressaltamos que atuar na organização deste livro foi um trabalho muito desafiador e gratificante; entre escolher formato de palavras, imagens, espaçamentos...Entre agrupar palavras, versos, um seguido do outro, de forma a mais harmônica possível, a fim de transformar essa obra acessível para você ler, reler quantas vezes quiser...Organizar esse Livro de poesias foi passar para outros mundos...foi vivenciar outras imaginações e realidades que só a obra literária pode nos permitir.

Não sairemos desta jornada de leitura como entramos... Desejamos a você, leitor (a) uma experiência tão maravilhosa quanto a nossa!



Organizadoras

Nota do Diretor



“Nossas Poesias no EaD” traz à memória a necessidade urgente de revisitar o prazer pela leitura; sobretudo, quem lê poesia, admira, contempla e entende; sabe da particularidade que é mergulhar no conceito estrutural, nas ideias expressadas e na interpretação particularizada. Por isso, a iniciativa proposta nesta obra remete-nos [também] aos grandes autores que batalharam para que suas íntimas expressões chegassem até cada leitor contemporâneo e que hoje pudéssemos encontrar alunos do UniCV seguindo esses mesmos passos.

A obra aqui apresentada pode ser coadunada à concepção de Clarice Lispector quando relata que muitas vezes o que nos “salva” é um Ato Gratuito, uma vez que para a poetiza “ato gratuito se tem causas são desconhecidas e se tem consequências são imprevisíveis”. Para a escritora, todas as outras coisas tem o seu preço em dinheiro, mas quando deixamos a exaustão diária do dia e buscamos um “ato de liberdade [...] que se manifesta fora de mim; o que secretamente eu era” é que conseguimos sair da mesmice e observar as coisas simples, até mesmo o “jardim do bairro” e somente aí é que podemos ter a epifania e ver as coisas não superficiais, mas sim com os olhos de poeta, que segundo ela, “cada pessoa tem que descobrir sozinha”. A poesia tem esta particularidade: escreve-se sozinho, entende-se sozinho e a mudança vem nas tácitas particularidades.

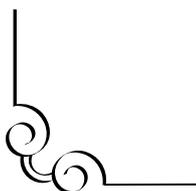
Fernando Pessoa em um momento de indignação relata ter encontrado apenas “Príncipes” neste mundo e chega a questionar “onde é que há gente no mundo?”, ora, só se pode encontrar “gente” quando há a manifestação de humanidade; essa encontramos nesta obra de “Nossas Poesias no EaD” em que docentes e discentes buscam, por meio da poesia, expressar humanidade a todos que leem o que está expresso em cada ideia, em cada linha e em cada constante busca pela escrita poética.

Sabe-se que para cada autor não foi fácil se desprender de suas atividades diárias e escrever com esmero o que encontramos nestas páginas, por isso, mais do que nunca, expressa-se aqui um ato gratuito de humanidade. Dito isso, leia esta obra com o olhar minucioso de gratidão por ainda termos escritores que buscam na poesia expressar palavras de contemplação pelo que os rodeia.

Parabéns, docentes, discentes e à Coordenação do Curso de Letras pela importante conquista; estendo meus agradecimentos ao Reitor José Carlos Barbieri que sempre admira a escrita, a Língua Portuguesa e batalha constantemente pela Educação de nosso país.

É assim que É!

Prof^o. Me. Alex Alves
Diretor Acadêmico do UniCV



Prefácio



É com prazer que apresento este livro de poesias, uma obra que reúne o talento e a sensibilidade de poetas e poetisas de maneira singular, pois são fruto de um concurso e como tal, um desafio. As palavras têm o poder de emocionar, inspirar e transformar nossas vidas, e este livro é uma prova eloquente disso.

Nas páginas a seguir, você encontrará um mundo de imagens, emoções e pensamentos, expressos com beleza e profundidade que só a poesia pode alcançar. Cada verso e cada estrofe é uma janela para a alma do poeta que nos convida a mergulhar em sua visão de mundo e de vida.

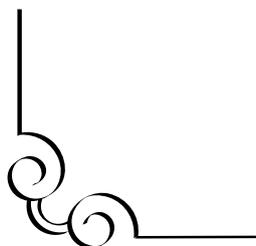
Mais do que uma simples coleção de poemas, este livro é uma viagem através das emoções humanas, da alegria à tristeza, da esperança à melancolia, do amor à solidão. Os autores nos convidam a compartilhar suas experiências mais íntimas, suas reflexões mais profundas, seus sonhos mais sublimes.

Se você é um amante da poesia, este livro é leitura obrigatória. Se você ainda não descobriu o poder das palavras poéticas, este livro é uma oportunidade para se encantar e se emocionar com a beleza da língua e a complexidade da alma humana.

Eu tenho certeza de que este livro ficará guardado em seu coração, como uma fonte de inspiração e de reflexão, e que você voltará a ele muitas vezes, sempre encontrando novos significados e novas emoções a cada leitura.

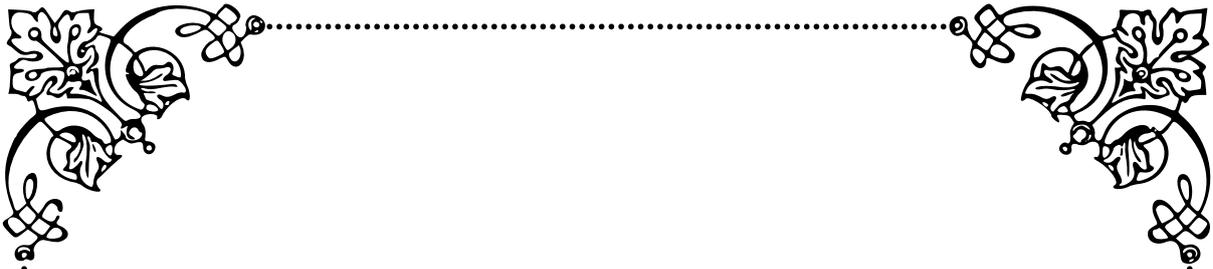
Deixe-se levar pela magia da poesia. Desfrute!

Elaine Rodrigues



Sumário

Prefácio	9
Igarapé Grande	11
A menina do interior	12
Dia do Estudante	13
Consciência negra	14
Ó vento querido, que balança a folha das árvores	15
A minha jornada	16
Eu	17
Os dois grandes eventos	18
Minha maior saudade	19
Falar é fácil, difícil é viver assim	20
O quadro: não mais um aprendiz	21
Lembranças	22
Me ensina	23
A ilha do amor	24
Coragem	25
Sereia do amor	26
Pecado	27
A vida começa ao primeiro arrasta-pé	28
Zum, zum, zum	29
Manuel Congo era seu nome	30
O Encanto de uma mulher autista	31
Curiosidade mata, mesmo assim, fui adiante...	32
Em tantos olhos enxerguei o amor	33
Somos todos iguais	34
Amor inconsútil aos meus infantes	35
Olho mágico	36
E depois?	37
Será que é exatamente isso?	38
Nunca mais!	39
A boca que beijei me insultou	40
O amor	41
"Você roubou isso"!	42
Colaboradores (as)	43
Sobre as organizadoras	44



Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil facetas secretas sob a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que

lhe deres:

Trouxeste a chave?

(Em busca da poesia, Carlos Drummond de Andrade, 2001, 118)



Letras
UniCV

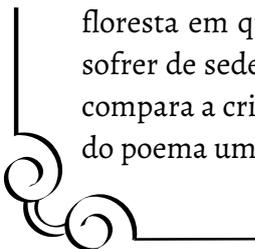
Igarapé Grande

“Muito riquíssimo que floresta caça e pesca;
Isso tinha até demais;
Em floresta caça e pesca;
Isso tinha até demais;
Tenho grande ciringau;
Já minou o cortisol;
Eu sei contar de tudo;
Foi nascido nesse lugar vivi 27 anos de idade;
Só deixei porque casei;
Mas quando eu passo aí dá vontade de chorar;
Acabaram com a floresta;
Que fez o rio secar;
A criança que nascer hoje vai sofrer de sede e fome;
Se não deixar esse lugar”.

Alesliane Moreira Saraiva.

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Libras

O poema "Igarapé Grande", de Alesliane Moreira Saraiva, apresenta catorze versos livres. A característica principal da poesia é de cunho nacionalista, o eu-lírico apresenta traços da saudade de sua terra natal e a denúncia de destruição da floresta em que estava inserida, isso se retifica por: "A criança que nascer hoje vai sofrer de sede e fome se não deixar esse lugar", por isso, é possível entender que ela compara a criança que o eu-lírico foi no passado com as que nascerão hoje, fazendo do poema uma autobiografia.



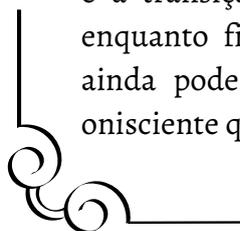
A Menina do Interior

A menina do tempo saiu!
Não olhou para trás e sumiu!
Foi em busca de aventura,
mas sabia que a busca era dura.
Sem saber o que a esperava,
e nem o que procurava!
E quem disse que ela não teve medo?
Mas, mesmo assim, ela saiu em segredo!
Foi em busca da felicidade,
mas, será que encontrou de verdade?
Pois sabia que na aventura,
ela formou uma família.
E hoje posso afirmar,
que ela vive com alegria!

Joelma Maria da Silva Guilhon

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Libras

O poema "A Menina do Interior", de Joelma Maria da Silva Guilhon, apresenta catorze versos livres e brancos. O eu-lírico apresenta como tema a vida cotidiana e a transição da infância para a vida adulta. Apresenta predominantemente enquanto figura de linguagem: metáfora, que encontramos por todo poema, ainda poderíamos ler enquanto uma crônica poética, por ter um eu- lírico onisciente que relata uma história.



Dia do Estudante

Estudante
Tem vida acadêmica
Busca conhecimento
Dificuldades existem
Mas o desejo de aprender
Vem de dentro.

Estudante
Tem olhar peculiar
E atitudes confiantes
O pensamento é rápido
Tem escolhas inteligentes
O mundo é seu lugar.

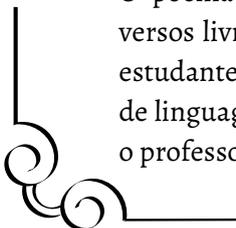
Estudante
A alegria se faz presente
A escola é necessária
E o professor também
O conhecimento é o desejo
E os desafios para enfrentar.

Estudante
É um gênio
Que não usa lâmpada
O tapete não voa
Pois tem mente brilhante
Mas a imaginação tem asas
Viva o Estudante!

Lídia Cirino Cláudio

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema "Dia do Estudante", de Lídia Cirino Cláudio, apresenta vinte e cinco versos livres, apresenta rimas não sequenciais. O eu-lírico apresenta como tema o estudante acadêmico e sua rotina. Apresenta predominantemente enquanto figura de linguagem: exaltação, pois traz à tona a importância do estudante inclusive para o professor.



Consciência Negra

Consciência Negra
É não ter dia
Para comemorar
Mas diariamente
Ser consciente.

Consciência negra
É respeitar toda gente
Fazer o bem sem saber a quem
Que o ódio desapareça
E o amor prevaleça.

Consciência negra
É ser livre de preconceitos
Com igualdade de direitos
E a cor da pele não faça diferença
Mas que predomine a liberdade e a diversidade.

Lídia Cirino Cláudio

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

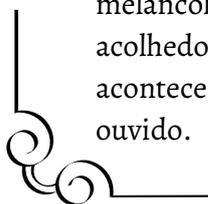
O poema "Consciência Negra", de Lídia Cirino Cláudio, apresenta catorze versos livres, apresenta rimas não sequenciais. O eu-lírico apresenta como tema a celebração da consciência negra em que a autora lamenta as mazelas do preconceito e se posiciona contra. Apresenta predominantemente enquanto figuras de linguagem: analogia e a anáfora. Este poema é uma forma poderosa de expressar as emoções e as experiências do eu-lírico e de transmitir mensagens que incentivam a reflexão e a mudança, além de ser um poderoso apelo pela liberdade, igualdade, fraternidade, justiça e paz, valores fundamentais que todos os seres humanos devem buscar. Ele nos lembra que a luta contra o racismo e a discriminação racial não é apenas uma questão de direitos humanos, mas também de dignidade e respeito pela diversidade humana.

Ó vento querido, que balança as folhas das árvores
Vem minha alma balançar
E me leve para outro lugar
Assopra tua brisa suave em meu rosto
Respira forte em meu coração
Trazendo a paz que tanto procuro
Pousando em mim teu sereno respirar
Tua voz abraça o silêncio que necessito
Para calar dentro de mim os inúmeros gritos
Acalenta meu sono, abriga minha alma
Em ti desejo morar
Vento que traz a serenidade que almejo alcançar
Aqui fora sou tão livre, teu silêncio me atrai
Tua brisa me conforta, nada me distrai
Sigo caminhando contigo
Mesmo sabendo que em breve nos despediremos
E entrarei na minha realidade,
Onde levarei apenas saudade
Essa rotina que me consome
Que me prende, que me some
Não sei quem sou ou que estou fazendo
Sigo reto me contradizendo
Pois o que queria era aqui ficar
Do lado de fora contigo a caminhar
Esse vento querido, que abraça a minha alma
Que sussurra em meus ouvidos
Tudo dará certo um dia: fique calma...

Cely Selma de Sousa Campos

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema "Sem título", de Cely Selma de Souza Campos, possui rimas imperfeitas, faz-se a personificação enquanto figura de linguagem. O tema principal é o vento, considerado um elemento natural que pode ser visto como uma metáfora para muitos aspectos da vida humana, incluindo as emoções. O eu lírico deste poema: o vento é usado para representar sentimentos como a paz, a melancolia, a liberdade e a esperança. E é descrito pelo eu-lírico como suave e acolhedor demonstrando que o vento é utilizado como suporte emocional e isso acontece porque ele é um elemento presente na natureza que pode ser sentido e ouvido.



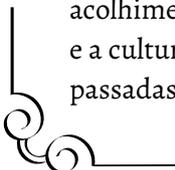
A Minha Jornada

Carro, carroça	Seguindo em frente
fogo na roça,	que lá atrás vem gente.
Na beira da eira	Não olhei pra trás
farei a palhoça.	só andei lá na frente
Mundo certo	Pois um dia amigo
Povo estrangeiro,	já corri perigo.
Lá vem a coragem	Hoje volto confiante
e se vai a mensagem.	pra alegrar triunfante.
Fui na esteira	Minha gente amiga
voltei na rabeira.	Dessa Pátria querida.
Fiz minha estrada	
completei a jornada.	

Neide Maria do Vale Bonamigo

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Espanhol

O poema "A minha jornada", de Neide Maria do Vale Bonamigo, possui 14 versos e nenhuma estrofe, apresenta rimas consoantes na maior parte da poesia e a figura de linguagem predominante é a aliteração, que traz musicalidade ao poema. O tema principal é a vida na roça. O eu-lírico se sente confortável e seguro em meio à rotina do campo, onde os dias são regidos pelo sol e pelas estações do ano, e onde os trabalhos são realizados em contato direto com a terra e com os animais e é a partir disso que a vida no campo é muitas vezes associada à simplicidade, à natureza e à tranquilidade, o que pode trazer uma sensação de paz e acolhimento. Para o eu-lírico, a vida na roça é vista como uma forma de conexão com as raízes e a cultura popular, com as tradições e costumes locais, e com as histórias e memórias que são passadas de geração em geração.



Eu
nesse canto de poesia
amor ou dessabor

Eu
nessa melodia
amorosa não tem labor
não tem ardor, não tem sabor.

O relógio canta no ritmo dos segundos
batendo e pulsando coração
ou não ou não...

Ei !
Esqueci a pauta dos moribundos
desaprendi o compasso na emoção
ó por que ó por que então?

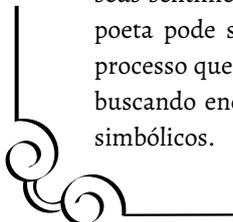
Eu
nesse canto do poeta
apaixonado ou enamorado.

Eu
nessa fantasia
embriagado ou extasiado
não tem rancor não tem calor.

João Paulo Alves de Oliveira

Acadêmico do Curso Superior de Tecnologia em Internet das Coisas; Curso Superior em Gestão Comercial e Curso Superior em Psicomotricidade na Educação Infantil

O poema "Sem título", de João Paulo Alves de Oliveira, possui vinte versos divididos em 6 estrofes de diferentes tamanhos, apresenta rimas imperfeitas e a figura de linguagem predominante é a personificação e a ironia pelo ser poeta. O poema é uma forma de arte que exige um processo criativo intenso, que muitas vezes envolve a introspecção, a reflexão e a conexão com o mundo ao redor. O ser poeta é o próprio tema central deste poema e a sua luta para encontrar as palavras certas para expressar seus sentimentos e pensamentos é retratada de forma delicada e emotiva. O processo criativo do ser poeta pode ser visto como um elemento fundamental na construção do poema. É por meio desse processo que o eu-lírico buscou dar forma à sua imaginação e transformou suas emoções em palavras, buscando encontrar o equilíbrio entre o que quer dizer e como quer dizer, é um poema com traços simbólicos.



Os dois grandes eventos

Contemplem o nascimento
Bela criança,
Que com sua infância,
Moldem seu comportamento.

Sempre combatente,
Com cem mil demônios,
Flor da pele os hormônios.
Prazer, sou o adolescente.

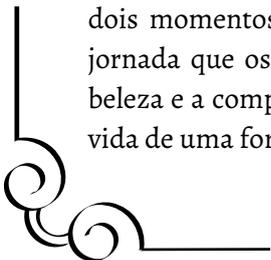
Aumento das responsabilidades.
Passou como um vulto,
Virei adulto.

Cheguei a velhice, avancei idades.
Com sorte, irei para meu último evento:
A morte.

Vanessa Lorkievicz Rodrigues

Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema "Os dois grandes Eventos", de Vanessa Lorkievicz Rodrigues, possui quatorze versos divididos em quatro estrofes, cada uma representando uma fase da vida: infância, adolescência, vida adulta e velhice, caracterizando um soneto, apresenta rimas imperfeitas, mas ricas e a figura de linguagem predominante é a metáfora. O poema é um breve retrato da vida humana, em que o autor explora a passagem do tempo e a evolução do ser humano desde o nascimento até a morte. O eu lírico é breve e direto, mas consegue transmitir de forma eficaz a ideia da jornada humana pela vida. O autor usa uma linguagem simples e direta, o que ajuda a enfatizar a universalidade das experiências retratadas. Além disso, a escolha do título "Os dois grandes eventos" é interessante, pois sugere que o nascimento e a morte são os dois momentos mais significativos da vida, com todos os outros estágios representando a jornada que os conecta. Em resumo, "Os dois grandes eventos" é um poema que destaca a beleza e a complexidade da jornada humana pela vida, explorando as suas diferentes fases da vida de uma forma clara e sucinta.



Minha maior saudade

Passeando em meus pensamentos
Não vejo razão em perder alguém
Porque quando a gente perde, dói
Mas o pior é perder sem ter ninguém .

Eu canso de falar! É melhor perder alguém em morte onde você tem histórias
bonitas pra
contar;
Do que perder alguém em vida, que nunca soube te amar.

Eu te falei o quanto dói perder alguém?

O coração corrói,
A ferida não cicatriza.
A alma chora,
E a fé paralisa.

Em um outro dia qualquer
renascemos não porque esquecemos....

Continua filha ...
A vida nós merecemos!

Andreza da Silvia Ferreira

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais

O poema "Minha maior saudade", de Andreza da Silva Ferreira, trata do tema da perda e do luto, explorando a dor emocional que pode ser causada pela morte ou pelo fim de um relacionamento. O eu-lírico reflete sobre como é difícil lidar com a perda e como ela pode afetar profundamente a nossa vida, explorando a dor da perda, com o eu lírico descrevendo como o coração corrói e a ferida não cicatriza, e como a alma chora e a fé paralisa. No final do poema, o eu lírico tenta encontrar algum consolo na ideia de que, mesmo depois de uma perda dolorosa, a vida continua e merecemos seguir em frente. O poema apresenta uma mensagem de esperança, sugerindo que, mesmo em meio à dor e à tristeza, é possível encontrar forças para recomeçar e seguir em frente. É composto por estrofes curtas, com rimas que ajudam a dar ritmo e cadência ao texto. A linguagem é simples e direta, o que ajuda a transmitir com clareza as emoções e sentimentos descritos pelo eu lírico. No geral, o poema é uma reflexão honesta e emocional sobre a dor da perda e a busca por consolo e esperança.

“Falar é fácil, difícil é viver assim”

— Engula! Você escolheu passar por isso, você quis ser assim!
Era de se esperar:
Porque “homossexual” nasceu para sofrer e mulher para apanhar!
Igualdade a palavra mais falada e menos executada!
Porque falar é fácil, difícil é viver assim!
Taxados de privilegiados com pessoas querendo lhes matar,
por ser simplesmente quem são!
— Ande como homem! Tira essa roupa curta!
Você fala em respeito, mas, não nos ajuda!
Porque falar é fácil, difícil é viver assim!
Em um mundo tão evoluído ainda precisamos discutir o mínimo possível?
Claro, falar é fácil, difícil é viver assim!
Em pleno século XXI, ainda temos que falar:

— Abuso e agressão não são comuns! Imploramos, nos ajude!
Estamos cansados das pessoas serem ruins, da dor que sentimos e
ouvimos no mundo todos os dias!
Porque falar é fácil, difícil é viver assim!

Maria Eduarda D. Westphal

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Espanhol

O poema “Falar é fácil, difícil é viver assim”, de Maria Eduarda Dematte Westphal, utiliza uma linguagem forte e impactante, com o uso de palavras e expressões que transmitem a dor e a indignação do eu-lírico. As rimas e repetições de palavras, como “falar é fácil, difícil é viver assim”, ajudam a enfatizar a mensagem principal do poema e caracterizam a figura de linguagem predominante da Cacofonia. O eu-lírico reflete sobre a dificuldade de viver em um mundo que não aceita a diversidade e que muitas vezes é cruel com aqueles que são diferentes e sugere que, embora seja fácil falar em igualdade e respeito, é muito mais difícil viver de acordo com esses valores em uma sociedade que ainda tem muito a evoluir em termos de inclusão e aceitação. Através de diálogos reproduzidos no poema, o eu-lírico denuncia o preconceito e a intolerância que muitas pessoas sofrem em virtude de sua orientação sexual ou identidade de gênero. O poema sugere que ainda há muito a ser feito para combater a discriminação e a violência, mesmo em um mundo que se considera evoluído.

O quadro: não mais um aprendiz
no canto o artista se cria inspirado em si mesmo sem que lhe falte as
sensações da admiração do espaço.

Os olhos de quem o via tornando alto os degraus em lento passos caía
dedicando ao tombo o seu maior refúgio de que dali não mais seria um feito
de arte.

Se do esforço para levantar os valores vistos como apreciados de tão
traçados aqueles percursos do quadro e que do chão não serviu, ver,
levantado estava apático direto validando o desafio do que se tinha pintado.

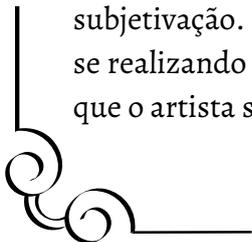
Arremessando para os lados a sensação de querer mais que saísse a
dedicação eleita pelo novo olhar de faces que experimentou às semelhanças
de um campo, de lado a lado, em cores.

Parado de frente, os olhos poéticos em seus melhores passos, tocou numa
breve textura, enfim, abraçados pincelando pela primeira vez a arte como
um resultado.

Karla Silva Saldanha

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Libras

O poema “O quadro: não mais um aprendiz” retrata o processo de criação artística e o tornar-se artista. O recurso da escrita em forma de parágrafo, de texto corrido, nos inunda com um fluxo de consciência daquele que pinta. O tom de desafio é evocado durante todo o poema, pois, inicialmente, a arte é vista como algo que deve cumprir uma função social, que deve transmitir uma mensagem ou até mesmo levar aquele que a contempla a uma espécie de subjetivação. No entanto, ao buscar essa dita funcionalidade, o artista acaba não se realizando por completo. É só quando ele passa a ver a arte como um resultado que o artista se põe como realizado e deixa de ser um aprendiz.



Lembranças

Lembro-me daqueles sonhos e daquelas danças.

Lembro-me das chegadas e das idas.

Lembro-me dos encontros e das partidas.

Lembro-me de tudo isso e tenho esperanças!

Espero pelos encantos dos reencontros em todos os cantos.

Pelas alegrias e ironias de cada conversa.

Pelas sensações e emoções sentidas nos corações.

Pelo sentido que aprendemos a dar ao que realmente tem valor em meio a tanta dor.

Desejo que tenhamos mais tempo,

e se não o tivermos que aproveitemos e não o deixemos ir como o vento!

Desejo que os abraços sejam acolhedores e que sejamos deles todos merecedores.

Que possamos nos alegrar depois das dores.

Que sejamos gratos de corpo e mente.

Que tenhamos aprendido o que de verdade é ser Gente!

Que encaremos o amanhã como uma grande oportunidade,

Independente da idade.

Que tenhamos com o passar dos dias, meses e anos, infinitos planos.

E que o mais importante deles sejam ter atitudes e olhares cada vez mais humanos!

Eliana Batista Bernardes

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Libras

O poema intitulado "Lembranças", por meio de um eu-lírico sensível, nos evoca uma ideia de memória nostálgica que se agarra às sensações, ao mesmo tempo que nos fala do presente e projeta desejos para um futuro próximo. A repetição marcada do verbo: "lembrar" na primeira estrofe leva-nos a ter reminiscências de momentos que nos foram importantes e nos marcaram de alguma forma, e que, ao longo do poema, são apontados como fatores que vão contribuir para nossa construção como sujeito. Já na segunda estrofe, especificamente no primeiro verso, o verbo esperar aponta para o tempo presente no qual o eu-lírico se situa. Além disso, retrata um aspecto positivo, otimista da vida mesmo que haja percalços na caminhada. Por fim, a última estrofe por meio da marcação do amanhã se significa de maneira a mostrar a humanidade dos sujeitos.

Me ensina

Caminha, não corre.
Tudo no seu tempo,
se incorre,
não cair no contratempo.

Quem corre, concorre,
e pode perder.
Saber não ocupa espaço,
se não entender.

Se ensina, me ensina,
a encontrar.

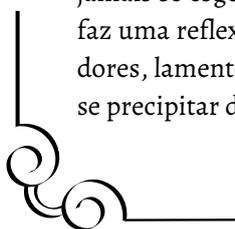
Feliz daquele que sabe esperar,
porque a vida ensina.
Com dores, lamentos,
vitórias a abraçar.

Conhecimento e saberes,
mesmo que abastado,
enquanto viveres,
jamais esgotado.

Tânia Aparecida de Lima

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema "Me ensina", de Tânia Aparecida de Lima, aborda a importância do aprendizado e do tempo para o desenvolvimento pessoal. O eu lírico destaca a necessidade de caminhar no tempo certo, sem correr, para evitar contratempos e perdas. O poema enfatiza a importância de aprender e adquirir conhecimentos ao longo da vida, destacando que o aprendizado é infinito e jamais se esgota, independentemente do quão abastado sejam nossos saberes. O poema também faz uma reflexão sobre a paciência e a importância de esperar pela vida, que ensina por meio das dores, lamentos e vitórias. O eu-lírico mostra que é preciso ter sabedoria para saber esperar e não se precipitar diante das adversidades.



A ilha do amor

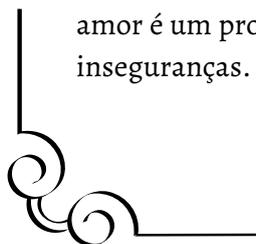
Na travessia,
O mar agitado
Os olhos fitados na ilha d'outro lado
As mãos frias e no ouvido uma canção

A ilha é defronte o píer
Que testemunhou o silêncio
Que em mim gritava de amor
E nela, gritava de medo.

Jéssica Harrison Lima

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema "A ilha do amor", de Jéssica Harrison Lima, descreve a travessia do protagonista em direção a uma ilha, que simboliza o amor. A imagem do mar agitado cria uma atmosfera de tensão, que é reforçada pela descrição das mãos frias e do medo que o personagem sente. A canção que ele ouve no ouvido sugere uma busca interior, um diálogo consigo mesmo em meio à dificuldade da travessia. Ao chegar na ilha, a poesia contrasta a paz e a serenidade do lugar com o conflito interno do personagem. O píer, que testemunhou o silêncio, é uma metáfora para o conflito que ele enfrenta, que grita em seu interior, mas que ele não consegue expressar. A descrição da ilha gritando de medo sugere que o medo e a insegurança são inerentes ao amor e à busca por ele. Em suma, a poesia fala sobre a travessia em busca do amor e a tensão que essa busca gera. Ela destaca a dualidade do amor, que pode trazer tanto paz quanto medo, e sugere que a busca pelo amor é um processo conflituoso e interno, que exige coragem e enfrentamento de medos e inseguranças.



Coragem

Coragem me traz força para ser quem eu sou
Quando esqueço do que me faço.
E que no surgir das dúvidas me acolhe
em um abraço.

Abre frechas para sentir, às vezes caminhos
que tento ver para onde fugir, sem saber o que sentir
na relação do florescer junto ao meu próprio eu.

É dor que se vê e não toca.
É troca de olhares que não têm respostas
É amadurecer em meio aos acontecidos
sem se dar conta ver que pode acontecer empecilhos.

É seguir em frente sem ter que esperar,
pois se depender de vista
muitos não mais estarão lá.

É tentar enquanto não consegue, pois há fé.
É se ver perdido em lugares que te levam
a novas situações e pessoas que não são coerentes
a vida.

Coragem é amor, por não desistir.
Coragem é perdão, por saber que nem sempre é possível acertar.
Coragem é respeito, por em si acreditar.

Nayra Vanessa da Silva

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema “Coragem”, é constituído por três quartetos, estrofes formadas por quatro versos e três tercetos, estrofes com três versos. São versos livres, pois não seguem a regra poética, apresentando diferentes medidas, assim, conforme a classificação da métrica são versos heterométricos. Quanto às rimas, o poema apresenta algumas rimas internas na segunda estrofe (sentir/fugir), também rimas ao final dos versos na primeira e última estrofes. Os demais versos são brancos, não havendo rimas. O poema é uma reflexão sobre o significado da coragem e como ela pode ajudar a fortalecer a identidade pessoal e enfrentar os desafios da vida. Ela descreve a coragem como um abraço que a acolhe nas dúvidas e abre brechas para sentir e explorar caminhos, mesmo que não saiba para onde ir.

Sereia do Amor

Lembro do nosso primeiro dia juntos
Um apê sujo, mas tinha todo o amor do mundo
A gente rindo por bobeira
Se amando a noite inteira
Se eu soubesse que isso me destruiria
Naquele momento fugiria
Quantas vezes pensei em desistir
Mas você dizia fica aqui
Me perdi tentando te amar
Me anulei pra nada te faltar
Você se foi e um vazio ficou
O que eu faço com esse amor?
Como vou conviver com a dor?
Você disse que sou como uma sereia que te encantei
Mas será mesmo que eu te afundei?
Não sei nem se um dia me amou
É a incerteza que me afogou!

Gabriela Aparecida de Moraes dos Santos

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema “Sereia do amor” expressa uma mistura de nostalgia, arrependimento, incerteza e tristeza. A autora questiona se o seu amor afundou o seu parceiro, apesar de ter sido comparada a uma sereia que o encantou. Essa incerteza a afoga, sugerindo que ela está lutando com a sua dor e com o fato de que ela pode nunca saber se o seu amor era correspondido ou não. O poema é uma reflexão sobre um amor que parecia forte, mas que acabou destruindo o eu-lírico. Ela está lutando com a sua dor e incerteza, tentando entender o que aconteceu com esse amor que parecia tão promissor. O trabalho aqui apresentado ecoa em outros trabalhos e se apresenta como uma manifestação poderosa e comovente que pode ressoar em outros leitores também. É possível observar que ele é composto por versos livres, sem uma métrica rígida ou retangular. Os versos possuem diferentes comprimentos e não seguem uma estrutura métrica fixa.

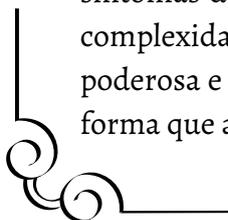
Pecado

Às vezes, penso nela
Em seu poder e força
A beleza em seu trabalho
A rapidez que executa
Queria que ela viesse
Fazê-lo dormir
Que pecado, pensei!
Apenas desejo de paz
O arrepio me vem
O coração acelera
As mãos tremem
Sintomas de amor
Às vezes penso nela
Por que faz isso?
Por que não o leva?
O tira daqui

Alice Vieira dos Santos

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema “pecado” possibilita diferentes leituras. O eu lírico quando pensa “nela” pode estar se referindo tanto à morte quanto a uma musa. O uso de imagens fortes, como a beleza em seu trabalho e a rapidez com que executa, cria uma sensação de admiração e respeito. O eu-lírico reconhece que desejar a morte de alguém é um “pecado”, o que sugere uma tensão interna entre o desejo de paz e a moralidade evocando sentimentos ambivalentes em relação à morte ou a sua musa inspiradora. O eu- lírico retrata-a sendo atraente e perigosa através das antíteses presentes. os sintomas de amor que o narrador experimenta quando pensa na morte destacam a complexidade de seus sentimentos. a morte é personificada como uma figura poderosa e misteriosa que pode proporcionar paz, mas a um certo preço. da mesma forma que a musa, pode levar a paz se estiver junto a ele.



A vida começa ao primeiro arrasta-pé

A vida começa as primeiras tardes livres
A vida começa ao primeiro dois pra lá, dois pra cá
A vida começa na melhor idade
E a ironia provida por ela
É que num bailão, você escuta ao chic chic hem da sanfona
Mais não consegue com a mesma velocidade
Praticar o che nhem nhem com alguém
Chamar de meu bemmmm

Mais esse meu relato é fato
Estou conhecendo novo mundo, vou fundo
Todo domingo vou ao bailão do bairro
Ai me estrago, no momento não sinto
Mais a noite voo como condor
Com dor :nas costas, nas pernas... Ai minha hérnia
A vida começa...

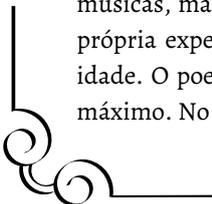
É no chi chic hem que a coisa fica bem
Revedo garota dos anos 70
Que paquerei e penso, vou tentar
A vida começou, esse é o tempo vou pra cima
Não tenho mais medo, sem segredo...
Chego devagar, não consigo correr
Pergunto, concede uma dança?

Afirmativa me faz lembrar
Como é bom dançar, e observo
Os comportados, os assanhados
dizia assim
Vemm pro chic chic hem, que a coisa fica bem
Você que namorando agarre seu amor sai dançando...

Renato Andrade de Almeida

Acadêmico do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema não apresenta versos com rimas, classificando-se como versos brancos. O poema celebra, de forma saudosista, o início da vida, enfatizando a importância dos momentos de diversão, como as tardes livres e os bailões. O autor destaca a ironia da vida, em que muitas vezes, ouvimos as músicas, mas não conseguimos dançar com a mesma velocidade que gostaríamos. Ele descreve sua própria experiência ao descobrir um novo mundo nos bailões de domingo, apesar das dores e da idade. O poema também aborda a ideia de não ter mais medo de se arriscar e aproveitar a vida ao máximo. No final, o autor incentiva os casais a dançarem juntos e a desfrutarem do momento.



Zum Zum Zum

Ecoa em minha cabeça,
Zum zum zum.
Antes que esse barulho me
enlouqueça,
Preciso me situar.
Zum zum zum.
Não, não.
Esse não é o meu lugar.

Nômade sem rumo,
Em busca de um caminho para a casa.
Você ao menos sabe onde isso fica?
Se é na rua debaixo ou de cima,
Procurando os pedaços de si na
esquina.
Se sabe que vai precisar ir embora,
Por que traz consigo gravetos para
fazer um ninho?

Eu queria ir para bem longe
Quem sabe outro planeta,
Só que ainda é tanta coisa para se
deixar.
É um sorriso amigo.

Um abraço amigo.
Um amigo.
Procurando por motivos pra ficar,
notei que nenhum deles ficará por
mim.

Como eles sacrificaram tanto por
ti?
Deixaram você entrar em seus
casulos e fazer a festa,
Como lindas borboletas já
planejavam voar pra longe.
É questão de tempo até que os
poucos que contam os dias pra ir,
Terminam de arrumar suas malas.

Estou me acostumando.
Costumava lutar,
Me ajoelharia e imploraria para não
me deixarem só,
Todavia isso é o melhor.
Cortar o mal pela raiz,
Tirar a erva daninha antes que
contamine o resto da plantação.

E assim continuo, em busca de um
caminho
Zum zum zum.

Beatriz Mayara Costa Silva

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

A onomatopeia: "Zum Zum Zum" retrata a angústia de uma pessoa que se sente perdida e sem rumo, buscando um lugar onde possa se sentir em casa. O uso repetitivo da expressão "Zum zum zum" reflete a confusão e agitação mental do eu-lírico, enquanto a linguagem simples e direta sugere um sentimento de desesperança e isolamento. Apesar disso, o poema apresenta uma reflexão interessante sobre a importância de ter um propósito e de encontrar pessoas que nos apoiam. A última estrofe mostra que, mesmo diante da solidão, o eu lírico escolhe seguir em busca de um caminho, abandonando as coisas que não lhe fazem bem.

Manuel congo era seu nome
tronco na fazenda
corrente forte
na porteira
não se arrebenta
aos puxões
mão chega
a sangrar

Juracy Ribeiro.

Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema “Manuel congo era seu nome”, é composto por duas estrofes, a primeira é uma oitava, estrofe com oito versos, e a segunda é um dístico com dois versos. Os versos não possuem medida padronizada, portanto, classifica-se como verso livre. Em relação à posição da rima na estrofe, o poema é isento de qualquer rima, classificado como versos brancos ou soltos. O poema é curto, livre de pontuação e letras maiúsculas, com ritmo rápido e firme, revelando a urgência da liberdade. É um exemplo de poesia que utiliza imagens fortes e concisas para transmitir uma mensagem poderosa sobre a luta dos afrodescendentes contra a escravidão e a opressão. O título do poema apresenta o nome do protagonista, "Manuel Congo", que remete à figura histórica dos congos, que foram uma das maiores etnias escravizadas no Brasil durante o período colonial. Essa referência é importante para contextualizar a história que o poema conta. A última linha, "mão chega / a sangrar", reforça a ideia de resistência e luta. Essa imagem sugere a ideia de que a luta contra a opressão é difícil e dolorosa, mas ainda assim é necessária e justa.

O Encanto de uma mulher autista

Oh, Doce e Divina mulher autista
Linda como uma obra de um artista

Sua pureza é como a água filtrada
Sua memória é como uma biblioteca

Sua empatia tocou meu coração
Sua sinceridade é minha paixão

Sua inteligência é um espetáculo
Sua criatividade é como um teatro

Seus olhos são como esmeraldas
Seus dentes são como estrelas

Seu hálito é como menta refrescante
Seu cheiro é como o melhor perfume

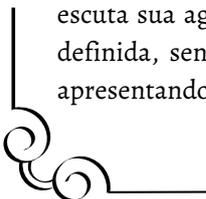
Suas mãos são delicadas e macias
Suas pernas são fortes e lisas

Seu rosto é delicado como boneca
Sua voz é agradável como a música

Gisele de Carvalho Pereira

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema "O encanto de uma mulher autista", de Gisele de Carvalho Pereira, traz como tema a exaltação da figura feminina, destacando a autenticidade de uma mulher autista. Nota-se que o eu-lírico conhece essa mulher em seu cerne, engrandecendo suas características físicas e psicológicas. Além disso, é possível notar o jogo que é desenvolvido com os sentidos humanos de quem a enxerga, como a visão, quando se observa seus "olhos e dentes", o olfato, sentindo seu "hálito e cheiro", o tato, quando se sente suas "mãos, pernas e rosto", e a audição quando se escuta sua agradável "voz". Com relação a estrutura externa, o poema não apresenta métrica definida, sendo classificado como versos livres. O poema é composto por estrofes dísticas, apresentando ao total dezesseis versos. As rimas são emparelhadas na maior parte dos versos.



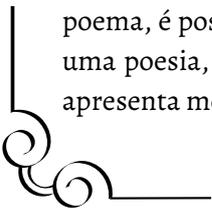
Curiosidade mata, mesmo assim, fui adiante...

Entrei no mais profundo dos meus pensamentos
Desci em uma espécie de abismo, neblinas, sonhos e vozes, eram as paredes
sinestésicas deste mundo visionário
O chão era movediço, quase fui engolido pela terra, mas, de repente, deparei-me a
uma região labiríntica clássica de Dédalo e com seus muros sem fim, corredores ora
longos ora curtos, vasos barrocos desenhados, visões de Arcádia, finalmente, um
alçapão pessimista, desceria ainda mais?
Na verdade, desci degraus que me levaram para cima, em uma confusão de modernas
e antiquadas perspectivas, em um espaço sem noções de lados e distâncias.
Um passo que dava eu corria.
Uma vez que avançava, eu ia para trás.
Diacronia sincrônica!
Comecei a correr em lentidão, já estava exausto, parecia que eu vivia há mil anos.
Vejo um túnel multicolorido, penetro-o, parece não ter fim...
Finalmente há uma sombra que se apaga por dentro, porém ilumina ao redor.
Estranho, ela me machuca, fere meus olhos mas causa prazer em meu coração.
Sinto medo e vontade, dói causando alívio
Como explicar o vício nessa luz, serena e caótica?
Oh! luz das profundezas das mentes, o que és?
Uma voz masculina e feminina ao mesmo tempo responde: Poesia!

André Rodrigues Silva

Aluno do curso de Letras-Língua Portuguesa e Libras

O poema “Curiosidade mata, mesmo assim fui adiante...”, de André Rodrigues Silva, apresenta uma dualidade inicial, na qual, o leitor não consegue distinguir se o eu-lírico está sonhando ou está fora de sua sanidade. Ao longo do poema, percebe-se que as sensações são contrárias, mostrando que o eu-lírico está preso dentro de antíteses, como nos trechos: “Desci degraus que me levaram para cima”, “Uma vez que avançava, eu ia para trás” e “Sinto medo e vontade, dói causando alívio”. Ao final do poema, é possível compreender que o eu-lírico está passando pelo prazer da leitura de uma poesia, estando imerso nesta experiência. Com relação a estrutura externa, não apresenta métrica definida, sendo classificado como versos livres.



Em tantos olhos enxerguei o amor.
Mas nada me restou, sequer a dor.
Sentimento que queima mais do que aquece.
Sempre brota, mas nunca amadurece.

Desiludido, ainda bate meu coração.
Minha face ilustra a minha emoção.
Revivo cada momento no consciente.
Fazer-me sofrer, faz-me contente.

Minha alma soturna se faz satisfeita
Digerindo a ideia de morte perfeita
Como prova de amor verdadeiro
Partirei junto ao nevoeiro.

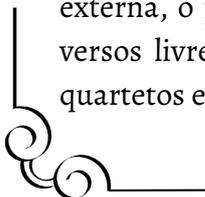
Viverei em perpétuo amor.
Em eterna dor.

Amor - Junho de 2017.
Adaptada em 13 de novembro de 2022.
De: Theus Human
(pseudônimo)

Matheus Henrique de Carvalho Cruz

Acadêmico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais

O poema “Amor”, de Theus Human, apresenta, na primeira estrofe, um eu-lírico que já teve muitas experiências amorosas, porém todas superficiais, não havendo profundidade em nenhum de seus relacionamentos. Embora desiludido, o eu-poético demonstra um saudosismo com seus antigos amores, entretanto isso não o preenche, encontrando sentido somente na dualidade entre o amor e a dor, a vida e a morte. Com relação a estrutura externa, o poema não apresenta métrica definida, sendo classificado como versos livres. As rimas são emparelhadas e o poema é composto por três quartetos e uma estrofe dística.



Somos todos iguais

Sou filho da África
E não me envergonho de
Ser negro,
Nesse mundo cheio de preconceito.

Vários me criticam
Por causa da minha cor
Mas só eu sei o meu valor.

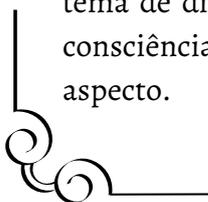
Do pó nós viemos ,
Para o pó nós voltaremos
Não importa a nossa cor
Vamos todos pro mesmo lugar.

Não importa a sua cor, sua raça
O que importa é a sua atitude
Se você tiver humildade hahaha
Já vi que você tem virtude.

Gessica Aparecida Vaz Rodrigues

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Libras

Poema “somos todos iguais”, tem como temática principal a discussão acerca das diferenças raciais. Escrito em quatro quartetos, o poema não apresenta rimas regulares e os versos são heterométricos, o ritmo é percebido no texto pelo encadeamento das palavras. A aliteração das consoantes “s”, “m” e “n” conferem musicalidade ao texto. Retomando a discussão sobre o tema, devemos considerar de grande importância as questões sociais que ele aborda. A discriminação por conta da cor da pele ainda gera muito preconceito na nossa sociedade e tem sido tema de discussões importantes que buscam a igualdade. O eu lírico revela ter consciência da necessidade de se valorizar o ser humano acima de qualquer outro aspecto.



Amor inconsútil aos meus infantes

Relações incomuns
Muita prosa da boa inclusa
Inusitados prazeres
Perenes

Ateliê de montagens poéticas

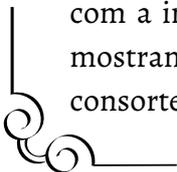
Poetas incólumes
Incontestes
Induzindo
Rompendo
Silêncio-foice

Incêndio insano
No canavial
E mel
Incontido

Juracy Ribeiro

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema “amor inconsútil aos meus infantes”, apresenta escrita inovadora porque não apresenta irregularidade métrica, contudo mantém o ritmo por meio da escolha semântica e pela repetição de alguns sons como a sibilantes no fim de alguns versos. Composto por estrofes irregulares, o poema parece descrever um dia de trabalho nos canaviais. Na primeira estrofe o eu-lírico apresenta ao leitor a diversidade de pessoas que compõem o cenário dos cortadores e ressalta a questão da diversidade. Na segunda estrofe o lirismo surge no texto por conta da constatação que entre tantas pessoas, existem universos distintos e cada um deles traz dentro de si várias poesias, que ficam esquecidas no silêncio do trabalho, que é quebrado apenas pelo barulho da foice. Na terceira e última estrofe, o texto encerra com a imagem do fogo que apesar de queimar, também revela a doçura do mel, mostrando o paradoxo que há entre a dureza do trabalho e a convivência dos consortes.



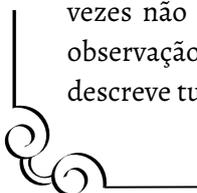
Olho mágico

Na repetição dos dias, vou vendo a vida passar.
Horas eu participo, outras fico a espiar.
Do meu portão vejo tudo, sem se quer sair do lugar.
Vejo menino matuto ficar bravo ao deixar-se enganar...
Tem o metido a valente e o que gosta de esnoabar.
A vizinha fofqueira e crente que esconde cerveja para tomar.
A galera do som alto que produz poluição sonora.
Senhora que está doente e quer a cura sem demora.
Tem mãe solo guerreira e as casadas que lutam por melhorias.
As namoradeiras sem freio, que trocam de homem todo dia.
Criança é o que não falta, tem de tudo que é jeito.
E eu aqui do olho mágico, olhando tudo com muito respeito.

Jennifer Silva Lima

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Libras

O poema “Olho mágico”, apresenta uma sonoridade que guia o ritmo da leitura, mesmo que os versos não tenham uma regularidade métrica, o ritmo fica aparente pelo emprego da repetição dos sons em um grupo de dois versos, ou seja, rimas emparelhadas. A temática do texto pode ser entendida como uma observação social. O eu-lírico aborda as características gerais de vários grupos sociais que ele observa. A referência ao “olho mágico” atribui originalidade ao texto, porque pode-se verificar a ambiguidade que a escolha do título atribui ao poema, não deixando claro se o olho mágico se refere ao objeto que se coloca na porta para se olhar para o lado externo sem a necessidade de abri-la, ou se faz referência ao olho do próprio poeta, que por ser um olhar diferenciado consegue apreender da realidade vários aspectos que por vezes não são percebidos por todos. O texto termina demonstrando que toda essa observação é apenas uma forma de inspiração e não de julgamento, afinal o eu lírico descreve tudo com “muito respeito”.



E depois?

E depois da raiva?
Orgulho? Caráter?
Eu já nem sei
Dando vazão ao meu ser
Foi que transbordei
Como um cão sedento
Inconsequente, animal
Que se achava seguro de si
Queria sentir-se em casa outra vez
Infiel ao eu
Deixou de viver

Lygien Merhyl Cidreira França

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Espanhol

O poema “E depois”, aborda uma temática modernista. Seus versos são na maioria interrogações acerca dos atos humanos. Sugerem a impulsividade do eu lírico, que se mostra arrependido por ceder aos instintos e volta para o ponto de onde partiu buscando compreender a si mesmo. Porém, existe uma dicotomia entre suas reações, porque ele finaliza o texto afirmando que para se encaixar volta para casa, contudo, deixar de viver. Ou seja, a fragmentação humana surge de não poder ser quem se é, com a intenção de evitar o julgamento e as consequências disso. Do ponto de vista estrutural, o poema segue os parâmetros do modernismo literário e mescla elementos da narrativa como os pontos de interrogação e a evidência de um diálogo nos primeiros versos, com elementos típicos do poema, como os versos. Não existe emprego de rimas e os versos são heterométricos

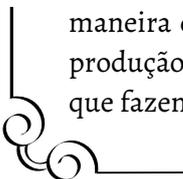


Será que é exatamente isso?
Exatamente, exatamente?
Não.
Será que é a resposta correta?
Correta, correta?
Não.
Será que isso realmente é aceito?
Aceito, aceito?
Não.
Mas como pode?
Poder, poder?
Não, não pode.
Mas como faz ou diz tudo sendo que nada é?
Nada é
Nada é exato
Nada é certo
Nada é correto
Nada é aceito
Nada pode
Responde-se assim mesmo
Por não ser
Por isso
É
Por isso é feito
Por isso é aceito
Por isso é exato
E por isso é correto

Ana Karine lima Arruda

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema segue o padrão da escrita do modernismo literário, portanto não apresenta rimas e nem regularidade métrica. De caráter metalinguístico, o poema descreve os motivos pelos quais o eu lírico escreve. E por meio de um contraponto estabelecido entre a ideia de morte e vida, a voz do poema explica para o leitor os motivos de sua escrita. A antítese reforça a imagem de vida e morte dentro do texto. A consciência da morte reforça a necessidade de viver do eu lírico, que encontra na arte de escrever uma maneira de valorizar o instante, por meio da criação de seus versos. É pela produção de seus textos que ele se sente vivo. E, se sente afastado dos medos que fazem parte da própria existência humana.



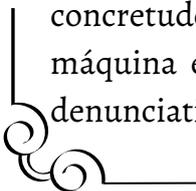
Nunca mais!

Será que...
nunca mais?
Nunca mais medo
Nunca mais dor
Não aquela dor
A visão da morte ainda assombra
O peso na mente da sociedade ainda é
alto
Motivos? Inventaram. Explicação? Nunca.
“Escória! Culpados do fracasso!”
Assim disseram, para delírio da maioria
Aquela mente que mais parecia uma
máquina
Aqueles rostos registrados de forma crua
Cada lágrima derramada por eles
Ainda hoje nos assombra, o medo da
volta O medo de algo assim retornar
Um aperto nos dá quando pensamos
neles
Culpa não só de um, culpa de um todo
Campos nunca mais.
Superiores nunca
mais.
Ele nunca mais.

Ana Karine lima Arruda

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema é composto por versos curtos e imperativos. O uso da interrogação e das reticências demonstra a incerteza no início do texto, mas existe também um tom conclusivo e de alívio a partir do quarto verso. Os elementos gráficos evidenciam a intenção do eu lírico como o emprego das aspas para identificar o grito, e o ponto final para demonstrar as conclusões nos versos finais. Podemos perceber também que o lirismo poético se mistura com a concretude e frieza de algumas ações nas oposições de palavras como: máquina em oposição à assombra, rosto em oposição a lágrimas. O tom denunciativo do poema fica evidenciado com o último verso “ele nunca mais”.



A boca que beijei me insultou
As mãos que segurei me golpearam
A cabeça que afaguei me ignorou
Os braços que abracei me maltrataram
O ouvido que sussurrei não me ouviu
Me pisotearam os pés que mimei
O corpo que deitei me molestou
Me desprezou o amor que acreditei
A mão que aliancei me abandonou
Mas sobrevivi e hoje sou resistência
Contra o desamor e o desamparo e a violência
Construí minha história, ressignifiquei minha existência

Denise Filgueira Fernandes

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Libras

O poema apresenta rimas alternadas e irregularidade métrica. O tema é muito relevante, mostra a toxicidade de um relacionamento. Dividido em dois momentos, podemos perceber que os nove primeiros versos revelam a imagem de um eu-lírico subjugado por um relacionamento de mão única, em que apenas ele demonstrava o sentimento verdadeiro e puro do amor. Todas as ações resultaram inúteis, porque cada gesto de carinho recebia como pagamento algum desprezo ou manifestação de violência. No décimo verso, a adversativa “mas” revela o momento de transformação desse eu-lírico, que conseguiu se libertar e, enfim, transformar e ressignificar sua própria existência.



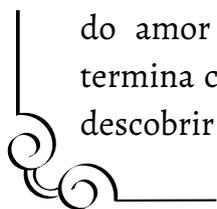
O amor

O amor é um sentimento para alguns, real, para outros irreal.
Afinal, o que é o amor?
Eu também não sei, estou descobrindo.
Muitos acham que o real significado de amor é amar, será que é?
É um sentimento vivo, forte.
O amor é explicado somente quando é vivido, não é explicado com
Palavras.
Um sentimento puro, nobre.
Capaz de cometer loucuras e insensatez.
Uns vivem de amor, outros morrem de amor.
Um ato de fraqueza, fazendo até o que não se deve fazer.
O amor é inexplicável como uma pequena gota ou bolha.
Depende o quão pequeno ou quão grande é esse amor.
O amor vivido, não pode ser explicado, esse é o sentido real do amor.
Para descobrir verdadeiramente o que é o amor, ame
Incondicionalmente!!

Paulo Cesar Alves Júnior

Acadêmico do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

O poema “O amor” é uma reflexão sobre a natureza do amor. O poema começa com uma pergunta: “Afinal, o que é o amor?” e continua com a afirmativa de que o amor é um sentimento vivo e forte, explicado somente quando é vivido e não com palavras. O eu-lírico destaca o amor como um sentimento puro e nobre, capaz de cometer loucuras e inquietudes. A poesia descreve o amor como algo inexplicável, trazendo a comparação como figura de linguagem presente que se torna essencial para saber quão pequeno ou grande é esse amor. O eu-lírico destaca que o amor vivido não pode ser explicado, apenas sentido, e que o sentido real do amor só pode ser descoberto mediante a experiência. O poema termina com um convite para amar incondicionalmente, como forma de descobrir verdadeiramente o que é o amor.



"Você roubou isso!"

"Você tem cara de bandido!"
"Só usa boné e calça rasgada!"
"Macaco!"
"Você pintou sua pele?"
"Você é suspeito! Mas porque? Você é negro."
Quando entro na loja todos me olham torto
É assim a situação de muitos negros na sociedade
Andam com medo, correm sem ter culpa, como se estivesse
devendo algo, Como se tivesse feito algum crime.
Mas na verdade são inocentes.
Estão na maioria dos casos trabalhando para dar à família uma
vida melhor.
São injustiçados,
Culpados,
Violentados...
Quantas mães perderam seus filhos por estes que os julgavam
sem o conhecer?
Que deduziam seu caráter sem mesmo saber a verdade da sua
vida.
Que levavam a cadeia por suspeitarem por causa da sua cor.
Merecemos justiça.
Merecemos paz, união entre todas as etnias.
Queremos tranquilidade nesse mundo cruel.
Queremos que os filhos negros de suas mães negras voltem
com vida para suas casas sem nenhum arranhão!
Todos precisaram voltar para casa sem boletim de ocorrência
registrado no seu nome.
Porque somos inocentes!
E ninguém mudará nossa raça.
Somos pretos, somos gente, temos um coração puro, sangue
vermelho escorrem pelo nosso corpo.
Precisamos de mais empatia!

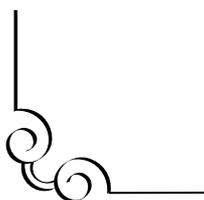
Vanessa da Cruz Corrêa Pimentel

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras-Português e Inglês

A poesia "Sem título" é um forte e emocional apelo por justiça e igualdade racial. Através mediante uma série de frases proferidas contra os negros na sociedade, a poesia destaca a situação de muitos negros que vivem com medo, correndo sem culpa, sendo julgados e violentados por causa da sua cor. Descreve ainda a injustiça e o sofrimento que muitos negros enfrentam diariamente, apesar de serem inocentes. A autora destaca que muitas mães perderam seus filhos por causa do preconceito racial e da injustiça. Essa poesia mostra a realidade enfrentada pelas pessoas negras **no Brasil**, incluindo a exclusão social, a discriminação e o preconceito racial. Além disso, ela também destaca a importância de lutar contra a injustiça e a opressão, e reivindicar a dignidade e os direitos de todas as pessoas, independentemente de sua raça ou origem étnica.

Colaboradores

Alice Vieira dos Santos
André Rodrigues Silva
Andreza da Silvia Ferreira
Ana Karine lima Arruda
Beatriz Mayara Costa Silva
Cely Selma de Sousa Campos
Denise Filgueira Fernandes
Eliana Batista Bernardes
Gabriela Aparecida de Moraes dos Santos
Gessica Aparecida Vaz Rodrigues
Gisele de Carvalho Pereira
Jéssica Harrison Lima
Jenniffer Silva Lima
João Paulo Alves de Oliveira
Juracy Ribeiro
Karla Silva Saldanha
Lídia Cirino Cláudio
Lygien Merhyl Cidreira França
Maria Eduarda D. Westphal
Matheus Henrique de Carvalho Cruz
Nayra Vanessa da Silva
Neide Maria do Vale Bonamigo
Paulo Cesar Alves Júnior
Renato Andrade de Almeida
Tânia Aparecida de Lima
Vanessa da Cruz Corrêa Pimentel
Vanessa Lorkievicz Rodrigues



Sobre as organizadoras

Fátima Christina Calicchio é doutoranda em Estudos da Linguagem, sob a linha de pesquisa na Formação de professores de língua Portuguesa e outras línguas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); Mestra em Letras na área de Estudos Linguísticos (2014), pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); Possui Licenciatura em Letras Português/Inglês e respectivas literaturas (2009) pela mesma universidade. Tem experiência em docência nos níveis fundamental, médio e superior, bem como na modalidade a distância e na autoria de material didático para EaD; Integrante do grupo de pesquisa VALEN (Variação linguística na Escola e Normas). Atualmente, é coordenadora dos cursos de Licenciatura em Letras-Português e Espanhol, Letras-Português e Inglês e Letras-Língua Portuguesa e Libras no Centro Universitário Cidade Verde (UniCV).

Janyne Saraiva Tagua é graduada em Letras Português/Espanhol pela Faculdade Santa Maria da Glória (2008). Especialista em Tecnologias Digitais e Inovação da Educação (2022) pelo Centro Universitário Cidade Verde (UniCV) e Especialista em Educação Especial e Inclusiva com ênfase em surdez e libras pela mesma Instituição. Mestranda em Letras, na linha de pesquisa em Literatura e construção de identidades pelo Programa de Pós-graduação em Letras (UEM). Atualmente, é professora de espanhol no estado do Paraná e Tutora Educacional dos Cursos de licenciatura em Letras-Português e Espanhol, Letras-Português e Inglês e Letras-Língua Portuguesa e Libras no Centro Universitário Cidade Verde (UniCV).



Fátima Christina Calicchio
Janyne Saraiva Tagua
organizadoras

Nossas poesias na EaD



Com muito orgulho literário, apresentamos o 1º volume do Livro de poesias dos cursos de Letras-Português e Espanhol, Letras-Português e Inglês e Letras-Língua Portuguesa e Libras, vinculado ao Projeto: *Concurso de Poesias na EaD*, construído por várias mãos, especialmente, pelas mãos dos estudantes dos cursos de Letras e professores UniCV.

Vol. 1 - Edição de lançamento

Letras
UniCV